

## Musicoterapia no oriente médio: entrevista com Marion Ritchie

Gustavo Schulz Gattino<sup>34</sup>

Página | 80

### Introdução

Foi numa manhã de 45 graus em Dubai onde se conheceu um pouco mais sobre a musicoterapia do Oriente Médio. Na caminhada até o local da entrevista passou-se pelo maior edifício do mundo, o “Burj Khalifa” com 160 andares, até chegar ao “Dubai Mall”, o maior shopping do mundo, onde está localizado o maior aquário do mundo. Neste shopping, fui até um café (*More Cofee*) para entrevistar a musicoterapeuta escocesa Marion Ritchie. Esta musicoterapeuta escocesa foi a representante do Oriente Médio na Federação Mundial de Musicoterapia durante os anos durante os anos de 2008 a 2011.

Fica a pergunta: o que faz uma escocesa no oriente médio? Ou em um nível mais abrangente: o que fez uma musicoterapeuta ocidental trabalhar no oriente médio? Podemos encontrar algumas destas respostas na geopolítica dos últimos 10 ou 20 anos atrás (OZKAN, 2011). Boa parte dos países árabes tem como a sua principal riqueza ou fonte de renda o petróleo. Como se sabe, o petróleo é uma matéria prima esgotável. Por isso, nestes países tornou-se necessário a obtenção de outras fontes de renda que permitissem o desenvolvimento e o sustento destas nações árabes. Países como os Emirados Árabes Unidos, Barém, Catar e Omã investiram fortemente nas áreas de indústria, turismo e comércio nos últimos 20 anos. Para sustentar o desenvolvimento destas três áreas foi necessário contratar profissionais de outros países, assim como construir atrações turísticas que chamassem

---

<sup>34</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4761296298954336>. Email: [gustavogattino@terra.com.br](mailto:gustavogattino@terra.com.br)

turistas para estes locais. Como resultado, muitos estrangeiros ocidentais foram para o oriente médio nos últimos anos e formaram grandes comunidades ocidentais nestes países. Além disso, o número de turistas ocidentais nestes países só tem aumentado.

A partir deste grande desenvolvimento, a área social, o campo da saúde e o campo da educação também passaram por um grande crescimento nestes países. Pois, nessa nova configuração, estas áreas teriam que dar conta não apenas da demanda local, mas também da demanda dos estrangeiros que foram morar nestes países. Assim, seria necessária uma rede de serviços que disponibilizasse atendimentos para pessoas vindas de diferentes partes do mundo e para os nativos dos respectivos países. Dentre os profissionais necessários para esta demanda esteve incluído o musicoterapeuta. Neste sentido, alguns musicoterapeutas têm buscado nos últimos anos o oriente médio como possibilidade de mercado de trabalho não apenas para atender a demanda dos estrangeiros, mas também para atender a demanda local.

É preciso lembrar que mesmo com certa abertura de alguns países árabes nestes últimos anos, o oriente médio é fortemente marcado pelas tradições e regras do Islamismo. Neste sentido, os árabes seguem suas tradições de vestimentas, regras, costumes, conforme prega o Alcorão (livro sagrado do Islamismo). Em alguns países árabes mais radicais como a Arábia Saudita as regras do Islã são ainda mais rigorosas e devem ser seguidas inclusive pelos estrangeiros ocidentais. Além disso, mesmo com a globalização, todos estes países têm ainda o árabe como língua oficial (o inglês também é a língua oficial nestes países). Nos países árabes, a música também recebeu uma conotação curativa ao longo da história. Acredita-se que instrumentos musicais como o Oud (típica guitarra árabe), por exemplo, tinham uma sonoridade com propriedades curativas (URBAIN, 2008). Neste sentido, o desafio para um musicoterapeuta ocidental trabalhar no oriente médio é grande. Além de se acostumar com uma cultura distinta, o musicoterapeuta terá de considerar e adaptar as formas de uso terapêutico da música utilizada pelos árabes para a sua prática ocidental.

Esta breve introdução teve a intenção de contextualizar e preparar o leitor brasileiro para as palavras de Marion Ritchie sobre a musicoterapia nos países árabes. Abaixo segue a entrevista que foi realizada no dia 18 de Julho de 2011 na cidade de Dubai, Emirados Árabes Unidos.

## ENTREVISTA

**GUSTAVO** – Você pode falar um pouco sobre a sua formação?

**MARION-** Até dez anos atrás, eu era professora de música no Catar em Doha onde lecionei durante 15 anos. Depois, eu voltei para o Reino Unido e realizei minha formação de musicoterapia na *Anglia Ruskin University* em Cambridge<sup>35</sup>.

**GUSTAVO-** A formação em Musicoterapia foi em nível de mestrado?

**MARION-** Sim, foi um mestrado. Então, eu vim para cá e não havia ninguém que fosse do campo da musicoterapia. Assim, me ofereci como voluntária e fui trabalhar em quatro escolas. Nessas quatro escolas eu trabalhei por mais ou menos dois meses.

**GUSTAVO** – Em Cambridge?

**MARION-** Não, aqui em Dubai<sup>36</sup>. Assim que eu terminei em Cambridge eu vim diretamente para cá. Então foi assim que eu comecei o meu trabalho em Dubai. Não havia nada. Das quatro escolas, em três eu tinha remuneração. Dessa forma, eu trabalhei em duas delas durante 9 meses. No *Dubai Autism Center* eu acabei no ano passado. É difícil, porque quando eu vim pela primeira vez - as pessoas diziam "o que é musicoterapia? E eu dizia que era a utilização da música como terapia para ajudar as pessoas. Eu faço muitos trabalhos com grupos com objetivos de partilhar, aprender o tempo de agir, escutar e compreender instruções. Ainda, eu utilizo técnicas de grupo para que as crianças aprendam habilidades que possam usar na sua vida em sala de aula e na sua vida em casa. Eles foram capazes de compartilhar um instrumento em

<sup>35</sup> Cidade do Reino Unido.

<sup>36</sup> Cidade dos Emirados Árabes Unidos

conjunto sem interferências, por exemplo. Todas essas coisas que eu trabalho em grupo eu também trabalho no formato individual, mas em casa.

**GUSTAVO-** Em que países do oriente médio existem registros de musicoterapia ou de musicoterapeutas trabalhando?

**MARION-** No Catar, eles têm no momento um musicoterapeuta. Eles já tiveram três. No Catar há um trabalho de musicoterapia num centro chamado *Shafallah Center for Children with Special Needs* que foi aberto pela esposa emir<sup>37</sup> do Catar. Eles estão falando no Catar em colocar a musicoterapia em uma escala muito maior. Abriu um novo instituto de música e eles esperam colocar musicoterapia lá também. No Bahrein, há uma musicoterapeuta. Ela é da Bielorrússia, mas esteve no Canadá. Ela trabalha com pessoas com necessidades especiais. Ela é adorável, ela vem para me visitar e saímos para almoços, café e outras coisas.<sup>38</sup> Aqui mesmo nos Emirados Árabes Unidos está abrindo uma clínica com cinco musicoterapeutas em Abu Dhabi<sup>39</sup>. Se está para abrir ou não eu não sei. Há alguma coisa no Irã. Há alguma coisa no Egito e por isso que tem um artigo sobre isso no voices. Há um curso de Musicoterapia na Jordânia, mas ele está parado. Há alunos ainda, mas não há professores para ensinar.

**GUSTAVO –** Em função das leis ou de algum problema político?

**MARION-** Há um pouco de corrupção. Você sabe como essas coisas acontecem. Há indícios de problemas em alguns países, mas estas coisas são encobertas. Em alguns países não se sabe o que ocorre, porque as informações são encobertas. É isso que acontece em países como a Árabe Saudita e o Kuwait. Não se tem absolutamente nenhuma informação. Em Israel há muito no campo da musicoterapia, mas este país não está sobre a minha jurisdição. Eu estou com os países árabes<sup>40</sup>.

---

<sup>37</sup> Emir é primeiro ministro em um país árabe. Dessa forma. A esposa do emir seria considerada a primeira dama.

<sup>38</sup> Ela se refere a musicoterapeuta Aksana Kavaliouva-Moussi, atual representante do Oriente Médio na Federação Mundial de Musicoterapia.

<sup>39</sup> Capital dos Emirados Árabes Unidos.

<sup>40</sup> Na Federação Mundial de Musicoterapia

**GUSTAVO** – Como os musicoterapeutas ocidentais trabalham em países árabes? Como eles utilizam os recursos da cultura árabe em seus atendimentos?

**MARION**- Eu uso a minha música. Eu não estou usando música árabe, estou usando música indiana. Eu estou usando a minha música para apoiar as necessidades das crianças. Quando eu vim pela primeira vez para trabalhar nas escolas eles fizeram 2 grupos de crianças que falavam inglês. Tivemos um feriado. Quando eu voltei do feriado eles modificaram os grupos e eu fiquei com grupos de falantes árabes. Eu disse a eles que eu não falava árabe. Eles disseram: você tem que trabalhar com eles. Eu achei até as crianças árabes mais responsivas. O sistema árabe de ensino é somente o professor, o quadro e o aluno. Assim, quando eu pego o meu violão para tocar as crianças adoram. Eu tenho um menino em um dos meus grupos que canta todas as minhas canções de entrada e em seguida, ele canta a cada criança no grupo. Ele pode não falar Inglês, mas ele canta porque ele sabe a sonoridade das palavras. Assim, ele canta desse jeito. Eu disse a sua professora: eu não sabia que ele falava Inglês? Ela disse: ele não fala, mas pode cantar nossas músicas.

**GUSTAVO** – Você tem algum outro relato de uma situação parecida?

**MARION** - Em Doha, houve uma situação onde foi dito que não se aprenderia nada de alguém que não fosse um falante árabe. É uma questão de identidade cultural. Assim, os estrangeiros que vem para trabalhar nesta região são orientados a aprender árabe.

**GUSTAVO** – Você acha que a influência religiosa e cultural dos países árabes afeta ou influencia o seu trabalho como musicoterapeuta?

**MARION**- Eu suponho que nos lugares onde eu estou trabalhando em Dubai não há nenhum problema sobre usar a música de forma terapêutica. Eles lidam bem com isso. Eu fiz um trabalho em outra escola recentemente onde a idealizadora da instituição era uma senhora local. Ela era obviamente muçulmana e eu cristã. No entanto, a questão religiosa não importa quando se trabalha com crianças. Eu vou e uso a música para trabalhar com elas, porque não há problema religioso quando se trabalha com crianças. Sobre as regras,

eu tenho que me adaptar a algumas situações. Para os árabes, por exemplo, o dia é mais curto e por isso tenho que organizar a minha planilha de horários para entrar em sintonia com os horários locais. Mas isso normalmente não me afeta.

**GUSTAVO** – Ainda sobre a parte religiosa, a música é considerada algo proibido nos países islâmicos?

**MARION-** Algumas pessoas fazem esta interpretação e dizem que isto vem do Alcorão, do livro deles. Eu tenho alguns amigos no Catar e eles dizem que não há nenhuma indicação no Alcorão que trate a música como *haraam* (pecado em árabe). São apenas interpretações de algumas pessoas, já que eles usam a música em casamentos locais, nas danças dos homens e na dança das espadas. A música está em todo o lugar. Mesmo assim, algumas pessoas dizem que a música não é algo educativo e não deveria ser usada na escola. Algumas mães, geralmente mães, dizem todo tempo que "música não é bom".

**GUSTAVO-** Isso é interessante. Por que a forma de rezar o Alcorão é tão musical e melódica. Os intervalos da escala árabe tornam a forma de recitar o Alcorão muito bela.

**MARION-** Nós tivemos uma performance na escola in e um dos estudantes recitou um trecho do Alcorão. É tão musical e bonito de escutar. Eles também cantaram o hino dos Emirados Árabes Unidos. Os emirates são muito orgulhosos do seu país. Eles realmente amam estar aqui. Dessa forma, há pessoas que consideram que a música um pecado. Como eu disse, é uma interpretação. Eles estão trabalhando contra isso (contra essa interpretação).

**GUSTAVO** – Dada a pluralidade cultural e étnica nos Emirados Árabes Unidos, como ocorre a musicoterapia neste país?

**MARION-** A música é uma linguagem universal. Não importa a nacionalidade aqui. Até porque temos 184 nacionalidades nos Emirados Árabes. No XIII Congresso Mundial de Musicoterapia<sup>41</sup> tivemos 46 nacionalidades, por exemplo. Dubai é cosmopolita e inclusiva. Religião,

---

<sup>41</sup> Realizado em julho de 2011, em Seul, na Coréia do Sul.

nacionalidade, nós estamos todos aqui juntos para o melhor do país. Estamos aqui juntos para ajudar o país a se desenvolver. Muitas pessoas vêm aqui porque eles pensam que poderão conseguir ganhar dinheiro. Esta é a minha casa. Eu vejo isso aqui. É onde eu trabalho, onde eu moro e onde eu tenho amigos.

**GUSTAVO** – Por ter indivíduos de diferentes lugares do mundo, creio que é mais fácil começar um trabalho de musicoterapia aqui nos Emirados do que em outros países árabes. Pois, se imagina que mais gente saiba o que é musicoterapia.

**MARION-** Alguns deles sabem. Tinha um senhor, por exemplo, que trazia sua filha de Abu Dhabi (que fica à uma hora e meia de distância da escola) para receber atendimento. Ela teve um dano cerebral ao nascer. Ela adorava música. Ele realmente acreditava que o trabalho de Musicoterapia podia fazer uma grande diferença para a sua filha. Ela amava participar do trabalho. Dessa forma, ele buscava resultados para a sua filha. Ele queria que a filha ficasse melhor, mas sabia que a ficaria não iria ficar totalmente recuperada.

**GUSTAVO-** Quais são as nacionalidades dos pacientes que você atende aqui nos Emirados?

**MARION-** Os pacientes vêm de diferentes lugares do mundo, Deixe me ver, eu tenho pacientes do Reino Unido, Líbano, Alemanha, Irã, Coréia do Sul, Japão, China, e África do Sul.

**GUSTAVO-** É realmente interessante, o mundo em apenas uma cidade.

**MARION** - Outra razão importante de ser destacada é que Dubai é segura, muito segura. Você não tem medo. Quando eu cheguei aqui, eu colocava a minha bolsa encostada no chão e saía para ver um jornal. Você não iria fazer isso em qualquer lugar do mundo. Ainda mais no Reino Unido, em Glasgow, ou em outra grande cidade. Eu não fico olhando o meu carro ou a minha casa porque é um lugar seguro. As pessoas que estão aqui, estão por alguma razão. Assim, se alguma delas comete um crime elas são presas e deportadas para o seu país de origem. Quando deportadas, elas perdem tudo

que conquistaram aqui. Por esse motivo, o índice de criminalidade é muito baixo. De onde eu vim você jamais poderia andar a noite porque você seria assaltado. Você não precisa ter esse medo aqui. É um lugar encantador para crianças, para crescer em segurança, o tempo é bom, entre outras coisas.

**GUSTAVO** – Eu estou curioso ainda sobre alguns temas. Você poderia contar algo mais sobre o seu trabalho como musicoterapeuta clínica aqui nos Emirados. O que você pode contar sobre isso?

**MARION**– Então, na minha prática clínica eu não tenho licença. Eu não sou reconhecida como musicoterapeuta. Eu não posso trabalhar em lugares como hospitais, por exemplo. Meu certificado (licença) para trabalhar é do Reino Unido. Este certificado do Reino Unido é dado pelo Conselho Profissional de Saúde e permite que você possa ser musicoterapeuta no Reino Unido<sup>42</sup>. Eu sou musicoterapeuta filiada a este conselho, mas eles não reconhecem isso aqui. Assim, eu não posso ir a hospitais, não posso trabalhar com pacientes com câncer, com traumatismo craniano, com nenhum deles. Eu trabalho em minha casa, onde eu tenho uma estrutura para atender tanto no formato de grupo como individual. Eu atendo uma série de necessidades especiais, muitas vezes casos de autismo. No entanto, o foco principal da minha prática clínica é realizado em escolas, principalmente no formato de grupos.

**GUSTAVO** – Escolas para crianças normais?

**MARION**– Não, escolas especiais. Eu trabalho em uma escola especial que tem por volta de 1000 alunos. Eu trabalho também no *Rashid Pediatric Therapy Center* que possui 200 crianças. Trabalhei no *Dubai Autism Center* (onde eu finalizei o meu trabalho no ano passado). Eu trabalhei em poucas instituições para começar o trabalho. Eu não tinha tempo para fazer todos os trabalhos necessários. Eu precisava de alguém para me ajudar. Outro problema foi que eu não consegui fazer alianças. Eu não consegui um patrocínio. Então, quando comecei a trabalhar aqui eu pensei que eu iria

---

<sup>42</sup> O Reino Unido e a Áustria são os únicos países do mundo que tem a musicoterapia reconhecida em nível nacional (GOODMAN, 2011).

conseguir alianças. Logo, eu iria levar a musicoterapia para diferentes áreas. No entanto, eu não consegui alianças porque eles não me reconhecem aqui nos Emirados como musicoterapeuta. Assim, isto ainda está em um estágio muito inicial. Eles abriram uma cidade da saúde aqui em Dubai (*Dubai Health Care city*). Um grande complexo com muitos hospitais. Assim, eu pedi mais uma vez: me reconheçam como terapeuta! Eles disseram: Ok. Mas nós vamos reconhecer junto à categoria de terapeutas de Cristais, Reiki e outras terapias alternativas. Na época, minha supervisora era a Dr. Helen Oldell Miller doutora que iniciou o curso de musicoterapia na *Anglia Ruskin University*. Eu contei esta situação para ela. Ela disse que quando a musicoterapia foi reconhecida no Reino Unido eles tiveram um problema similar. Ela disse: não aceite essa proposição, porque se você fizer isso estará prejudicando a sua profissão. Chocada disse "não faça isso". Eles aqui nos Emirados escreveram cartas de resposta a minha reclamação sobre o reconhecimento profissional do musicoterapeuta. Eles responderam que se eu quisesse o reconhecimento seria unicamente da forma que eu expliquei (como terapias alternativas).

**GUSTAVO-** No Brasil, nós participamos<sup>43</sup> de um movimento que desenvolve pesquisas de musicoterapia ligadas ao campo médico. Nós imaginamos que os profissionais desta área podem nos ajudar no reconhecimento da musicoterapia como uma terapia do campo da saúde.

**MARION-** Na verdade, eu fui para um hospital americano logo que eu cheguei aqui. Já faz bastante tempo. Eu falei que a musicoterapia poderia ajudar no cuidado de várias doenças e que poderia ser usada no trabalho com crianças no setor de oncologia. Sabe o que eles disseram? Você pode vir trabalhar aqui então. Eu disse que não, pois não tinha uma licença para atravessar a porta de entrada. Eles disseram: nós entendemos o que você diz e entendemos que é ótimo. Contudo, sem a licença do governo não foi possível realizar este trabalho no hospital. Mas acredito também que nós devemos convencer os médicos do nosso trabalho.

---

<sup>43</sup> Musicoterapeutas que estudam no Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**GUSTAVO** – Nós temos hoje na nossa universidade um grande apoio dos médicos geneticistas. Principalmente no que diz respeito ao nosso trabalho com crianças com autismo e deficiências múltiplas.

**MARION-** Eu trabalho na unidade de cuidados especiais dentro de uma das escolas. Muitos tem patologias mais profundas e se movem em cadeiras de rodas ou não conseguem caminhar. Muitos deles têm paralisia cerebral. Eu vejo estas crianças perdendo a cada dia suas habilidades. É triste ver o progresso dessas degenerações ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, eles amam música. Quando eu ando pela sala, eles sabem que é hora de se divertir. Eu faço jogos com eles. Assim, eu posso fazer a brincadeira de tocar e parar. Quando eu paro e eles continuam tocando, eu pego o meu instrumento deles e não toco. Assim, não é apenas diversão, tem muito trabalho envolvido. Eles têm algo instintivo para tocar. Dessa forma, a música ajuda no controle e na concentração. Por isso, o musicoterapeuta pode ajudar neste contexto.

**GUSTAVO** - A música faz parte do cotidiano escolar destes indivíduos.

**MARION-** E a música é algo transcultural porque muitas das pessoas com as quais eu trabalho são das Filipinas ou da Índia, não importa.

**GUSTAVO** - Qual é a sua tarefa como representante regional do Oriente Médio na Federação Mundial de Musicoterapia?

**MARION-** A minha tarefa é obter informações e tentar descobrir o que está acontecendo nos 21 países do oriente médio. Eu enviei emails e cartas por exemplo. Por que não havia nada. Ninguém queria saber ou se incomodar sobre isso. Então o objetivo deste trabalho também foi aumentar a consciência sobre a musicoterapia. O que eu sei no momento é que a maioria dos países da minha região está com problemas: Síria, Egito e Líbia <sup>44</sup>.

**GUSTAVO-** É uma pena. O meu bisavô era sírio e eu tinha muita curiosidade de conhecer a Síria. Mas agora será difícil.

**MARION-** Eu canto em coros. É uma bela maneira de conhecer pessoas aqui. Em um desses coros eu tenho um colega que é sírio. Ele já me disse muitas vezes que eu tenho que ir a Damasco (capital da Síria) que é a cidade

---

<sup>44</sup> Todos estes países passaram por revoltas populares contra os governos ditatoriais instaurados nestes países.

mais bonita do mundo. Ele disse que a Síria é linda e que eu iria adorar. Eu respondi a ele que um dia eu vou, mas não obviamente nesse momento.

**GUSTAVO** – Eu agradeço pela sua disponibilidade e atenção durante esta entrevista. Para mim, foi uma experiência incrível. A Associação de Musicoterapia do Paraná, uma associação de musicoterapia do Brasil na qual eu estou filiado, está completando 40 anos de existência em 2011. Você poderia deixar uma mensagem para membros desta associação?

**MARION-** Parabéns pelos quarenta anos. Eu estou na profissão há 10 anos. Eu estou entrando no meu 11<sup>o</sup> agora. Desde que eu comecei, eu achava que já deveria ter começado com isso a mais de 20 anos atrás. É um trabalho maravilhoso, apesar de ainda não ser conhecido em muitos lugares. É um trabalho especial. É cansativo claro. Quando eu dava aulas de música eu costumava entrar na sala apenas para ensinar. Como terapeuta o meu trabalho aumentou e quando eu acabo eu vou para a casa bem cansada. O trabalho é diferente o tempo todo. Então 40 anos é muito bom. Sigam em frente e continuem. Sigam encorajando pessoas para se envolver.

### Considerações Finais

Estar imerso pessoalmente no universo árabe, permitiu uma melhor compreensão das palavras de Marion Ritchie. Os países árabes estão passando de fato por uma grande transformação. A musicoterapia tem nesses países, portanto, uma grande oportunidade para crescer e se desenvolver. A sensação que tive foi a de um enorme espaço a ser explorado. De fato, este trabalho é árduo ainda, pois existem poucos musicoterapeutas nestes países. Não existe a possibilidade de formar uma associação de musicoterapeutas em cada um destes países pelo que parece. Para os interessados em musicoterapia no oriente médio, sugiro os textos da revista de musicoterapia *Voices* sobre o tema (descritos nas referências), assim como o blog dos representantes regionais (*Regional Liaisons*) da Federação Mundial de Musicoterapia:

[http://www.wfmt.info/WFMT/Regional\\_Liaisons\\_Blog/Regional\\_Liaisons\\_Blog.html](http://www.wfmt.info/WFMT/Regional_Liaisons_Blog/Regional_Liaisons_Blog.html)

## Referências

Página | 91

ABDEL-SALHEN, El-Saeed. Music Therapy in Egypt. **Voices: A World Forum for Music Therapy**, 2005. Disponível em: <<http://testvoices.uib.no/?q=country-of-the-month/2005-music-therapy-egypt>>. Acesso em 30 de abril de 2012.

BLOG OF REGIONAL LIAISONS-WORLD FEDERATION OF MUSIC THERAPY. Disponível em : <[http://www.wfmt.info/WFMT/Regional\\_Liaisons\\_Blog/Regional\\_Liaisons\\_Blog.html](http://www.wfmt.info/WFMT/Regional_Liaisons_Blog/Regional_Liaisons_Blog.html)>. Acesso 30 de abril de 2012.

ELWAFI, Paige Robbins. Cross-Cultural Music Therapy in Doha, Qatar . **Voices: A World Forum for Music Therapy**, 2005. Disponível em: <[http://testvoices.uib.no/?q=country/monthqatar\\_june2005](http://testvoices.uib.no/?q=country/monthqatar_june2005)>. Acesso 30 de abril de 2012.

GOODMAN, Karen D. **Music therapy education and training: from theory to practice**. Springfield: Charles C. Thomas Publisher, 2011.

URBAIN, O. **Music and conflict transformation: Harmonies and dissonances in geopolitics**. London: I.B. Tauris, 2008.

ZKAN, Mehmet. El Oriente Medio en la política mundial: un enfoque sistémico. **Estud. polit., Medellín**, Medellín, n. 38, June 2011 . Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0121516720110010100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121516720110010100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 30 de abril de 2012.

---